

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

15 e 23 de Julho de 2025

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (parte II – conclusão)

WHITY / 1970 “Branquelas”

Um filme de Rainer W. Fassbinder

Argumento: Rainer W. Fassbinder / *Diretor de fotografia* (35 mm, *cinemascope, Eastmancolor*): Michael Ballhaus / *Direção artística*: Kurt Raab / *Música*: Peer Raben; a canção “It Doesn’t Go Together”, de Peer Raben e Ulli Lommel, cantada por Hanna Schygulla e Günther Kaufmann / *Montagem*: Franz Walsch (pseudónimo de Rainer W. Fassbinder), Thea Eymèsz / *Interpretação*: Günther Kaufmann (*Whity*), Hanna Schygulla (*Hanna*), Ulli Lommel (*Frank*), Harry Baer (*Davy*), Katrin Schaake (*Katherine*), Ron Randell (*Mr. Nicholson*), Thomas Blanco (*o falso médico mexicano*), Stefano Capriati (*o juiz*), Elaine Baker (*Marpessa, a mãe de Whity*), Mark Salvage (*o xerife*), Helga Ballhaus (*a mulher do juiz*), Kurt Raab (*o pianista*), Rainer W. Fassbinder (*um cliente do “saloon”*), Peter Berling (*o barman*).

Produção: Atlantis Film (Munique); antiteater-X-film (Feldenkirchen) / *Cópia*: digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / *Duração*: 95 minutos / *Estreia mundial*: Festival Internacional de Berlim, 2 de Julho de 1971. / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 4 de Maio de 2007. No âmbito do ciclo “Rainer W. Fassbinder: O Amor é Mais Frio do que a Morte”.

Whity é dos filmes menos vistos de Fassbinder e até bem pouco tempo era quase desconhecido, pelo menos por aqueles que vêem filmes e não se contentam em decorar filmografias. Foi o maior fracasso de toda a sua carreira. Apresentado no Festival de Berlim em 1971, o filme foi ignorado pela maioria dos críticos. Ora, embora Fassbinder ainda não fosse uma celebridade, a crítica mais esclarecida, aquela que frequentava festivais como o de Manheim e o Fórum no Festival de Berlim não podia desconhecer os seus primeiros filmes (**Whity** é a sua sexta longa-metragem). Depois desta apresentação em Berlim, o filme desapareceu, só tendo sido apresentado num canal de televisão alemão, muitos anos depois da morte de Fassbinder. Graças ao trabalho da Fundação Fassbinder, voltou a estar disponível.

A pequena história também faz parte da História e a rodagem de **Whity** parece ter sido particularmente rocambolesca. Por sinal, para um cineasta como Fassbinder, vindo do *underground* do teatro e do cinema alemães, a simples ideia de realizar um *western*, num daqueles cenários construídos em Espanha para os *westerns spaghetti*s e a sua versão mais reles que eram os *westerns paella*, já era bastante rocambolesca. Há filmes em que se passam mais coisas durante a rodagem no que no ecrã e este talvez seja um deles. A rodagem teve lugar numa região isolada de Espanha, perto de Almeria e o dono do hotel onde se hospedava a equipa olhava-a com a maior desconfiança, não apenas devido ao seu comportamento, mas porque suspeitava que poderiam desaparecer um belo dia, sem pagar a conta. E tinha razão. A certa altura, acabou-se o dinheiro e acabou-se a película. Por sorte, havia ali por perto uma outra rodagem de um filme com Jack Palance (sem dúvida, **Vamos a Matar, Compañeros**, de Sergio Corbucci, se cruzarmos as datas e os locais de rodagem). Uma das colaboradoras de Fassbinder fizera íntima amizade com um membro da equipa do filme de Palance. Fassbinder e ela foram fazer-lhes uma imprevista visita de cortesia. Enquanto Fassbinder fazia tilintar cubos de gelo num copo e conversava com Palance no seu péssimo inglês (valia a pena ter uma fotografia da cara de Palance durante esta conversa), ela e o tal membro da equipa do filme de Palance roubavam as latas de filme necessárias para que Fassbinder concluirasse o seu filme. A rodagem de **Whity** também parece ter sido uma espécie de psicodrama selvagem e divisor de águas no trabalho de Fassbinder e na sua relação com o a sua equipa, a tal ponto que ele realizaria a seguir um outro filme, **Warnung vor einer heiligen Nutte** (**Cuidado com essa Puta Sagrada** - a puta em questão é a câmara - sobre uma rodagem impossível em Espanha, numa espécie de balanço crítico da rodagem de **Whity**). Numa entrevista de 1973, Fassbinder declararia: “Durante a rodagem de

Whity tudo se precipitou. Subitamente, percebemos todos que aquilo que pretendíamos fazer juntos nunca tinha sido alcançado. **Warnung vor einer heiligen Nutte** tem a ver com despertar e perceber que tínhamos sonhado com algo que não existe, pois nem sempre os sonhos podem realizar-se".

O resultado é estranhíssimo: um autêntico e um pouco soporífero *western* de série B, daqueles que outrora passavam em obscuras e decadentes salas de bairro, com a diferença que se trata de uma produção europeia. Por vezes, também é absolutamente cómico: impossível não dar uma gargalhada quando se vê Fassbinder vestido de *cowboy* num *saloon*. Em algumas passagens não sabemos se estamos num baile à fantasia ou num *home movie* e **Whity** é inegavelmente estas duas coisas, embora não num sentido forçosamente pejorativo. Fassbinder explora aqui de forma explícita um dos temas centrais da sua obra e da sua visão do mundo, o masoquismo. Dificilmente poderia haver melhor contexto para explorar este tema do que a vida de um escravo, que, como observou Christian Braad Thomsen, "nem percebe que é oprimido. Encara o seu estatuto como natural e faz ponto de honra em satisfazer os seus amos. Aceita com gratidão todas as humilhações". De modo não menos masoquista, depois de revoltar-se, o homem vai morrer de sede no deserto, em companhia da prostituta do *saloon* lá da terra, ao som de uma valsa.

Whity também é uma homenagem a um dos filmes preferidos de Fassbinder, **Band of Angels**, de Raoul Walsh: um filme sobre o tema da escravidão e da liberdade, que inverte os clichés preponderantes (o personagem de Günther Kaufmann resume os de Yvonne de Carlo e Sidney Poitier no filme de Walsh). E isto traz à tona um aspecto importante do cinema de Fassbinder que, embora evidente, nem sempre foi suficientemente sublinhado: a sua relação com o cinema clássico americano. Embora criado num país muitíssimo menos cinéfilo do que a França, por exemplo (e no qual, ainda por cima, todos os filmes são vítimas do homicídio doloso que leva o nome de *dobragem*), Fassbinder não tem uma atitude muito menos cinéfila do que a geração da Nouvelle Vague, que era cerca de quinze anos mais velha do que ele. A influência decisiva dos melodramas do período final de Douglas Sirk sobre a sua obra é bem conhecida e foi articulada por ele próprio, que a partir de certo ponto quis fazer filmes tão sedutores como os de Hollywood, porém com uma visão crítica, sem a cínica impostura da ideologia hollywoodiana. Mas este exemplo não é único. Nos seus começos, Fassbinder realizou filmes de *gangsters*, que estão entre os mais belos que alguma vez fez e guardam apenas certas estruturas narrativas do filme de *gangsters*, filtrados por uma estética moderna e europeia. Estes dois grandes géneros - o melodrama e o filme de *gangsters* - desviados por Fassbinder do cinema clássico para o seu, não são específicos a nenhum país. Mas em **Whity** ele atreveu-se a desviar um género exclusivamente americano, o *western*, tão exclusivamente americano que o *western* europeu só é e só pode ser paródico. **Whity** não foge a esta regra. Lá estão todos os indispensáveis clichés: uma cidade de madeira, um *saloon* ornamentado por uma prostituta, a cela de uma cadeia, brigas, tiros e cavalos. Lá está um tema central de tantos *westerns*: a passagem do poder, a herança, os filhos legítimos e ilegítimos. Mas aqui tudo aquilo que num *western* clássico é implícito passa a ser explícito. E sem maiores exageros, podemos considerar que **Whity** também é um filme político, muito mais interessante politicamente do que o *western* vatapá no qual talvez Fassbinder tenha pensado ao realizá-lo, o **O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro** (vulgo **Antonio das Mortes**), de Glauber Rocha, no qual um assassino por contrato se volta contra aqueles que o empregam, numa postura supostamente "revolucionária". Fassbinder nunca teve esta ilusão. Sabe, como assinalou Christian Braad Thomsen, que "enquanto os oprimidos adotarem inconscientemente as normas do sistema que os opõe, a sua revolta reproduzirá apenas aquilo contra o qual se revoltam. Em termos contemporâneos, o acto de *Whity* degenera em terrorismo. A crítica de Fassbinder a *Whity* já aponta para a crítica mais concreta ao terrorismo que fará em obras posteriores." Assim sendo, há mais coisas na esquisitice cinematográfica que é **Whity** do que poderíamos supor à primeira vista.

Antonio Rodrigues